

Une étude sans précédent dans l'histoire littéraire

## UN PSYCHANALYSTE PERCE LES VRAIS SECRETS DE SARTRE

L'Analyse psychanalytique a été appliquée à Sartre par un psychanalyste de renom, M. Marc Beigbeder, dans son ouvrage "Sartre et le psychisme". Ce livre est une véritable révélation des secrets de l'âme de Sartre, et constitue une lecture indispensable pour tous ceux qui s'intéressent à la psychologie de ce grand philosophe.

### LUCIEN, JEAN-PAUL E A PSICANÁLISE

**A** obra de Sartre é já considerável: 26 volumes aos quais devemos acrescentar alguns prefácios e artigos ainda não reunidos. Difícil de classificar, é ela ao mesmo tempo a obra de um filósofo, de um romancista, de um ensaísta, de um dramaturgo e de um crítico. Que se acrescente a isso um repórter, um argumentista, um orador; que se considere enfim que todas estas pessoas constituem uma só e que a sua preocupação dir-se-ia muitas vezes ser fundamentalmente a de participar na luta do seu tempo — e nós teremos uma primeira imagem da complexidade do universo sartriano. De *La Nausée* à *L'Affaire Henri Martin*, do estudo sobre a *liberdade cartesiana* à adaptação de *Kean*, de *L'Esquisse d'Une Théorie des Émotions* a *L'Engrenage*, ou de *L'Imaginaire* aos *Entretiens sur la Politique*, a distância a percorrer parece desafiar, de cada vez, qualquer tentativa de unificação. E no entanto não poderiam ler-se duas quaisquer destas obras sem nelas reconhecer uma mesma presença, e sob as diferenças de forma mais evidentes, uma estreita semelhança de acento, de processo, de tom... Uma secreta unidade domina essa diversidade e se a designo aqui como «secreta» é para distingui-la desde já de certas unidades aparentes, que por vezes facilmente se apresentam, reduzindo a obra de Sartre à simples aplicação de uma teoria filosófica sob aspectos diversos. A unidade de que desejo falar é simultaneamente muito mais explícita e muito menos fácil de delimitar, porque é a própria unidade de uma existência real, duma experiência efectiva do mundo, porque teremos de lhe reencontrar o princípio ao nível

### SARTRE POR ELE PRÓPRIO

em que uma consciência particular não cessa de alimentar e de sustentar, com toda a sua singularidade, o seu próprio esforço, para comunicar com as outras consciências, universalizando-se a si própria.

Tal unidade, evidente e oculta, é bem verdade que já chamou a atenção de alguns críticos. Infelizmente, porém, foi para logo caírem aflitivamente nos meandros da psicanálise: havendo nesta obra uma presença implícita, não podia ela ser senão o Inconsciente do autor — ou seja uma ausência. Pensando, e com razão, que não podiam limitar-se aos temas expressamente aí formulados, lembraram-se de os não tomar de modo algum em linha de conta, preocupando-se com outros que lhes pareceram esclarecer melhor Sartre — Sartre que justamente nada deles dissera. E para que, apesar de tudo, tornassem um pouco verosímil uma argumentação que se arriscava logo a não sê-lo, trouxeram a campo, na parte romanesca da obra, dois ou três entretchos, seduzidos pelo seu carácter imediatamente psicanalítico — sem repararem que o autor sugeria neles precisamente uma interpretação psicanalítica do comportamento das suas personagens. No fim de contas, um só ponto lhes escapara: é que Sartre lera Freud, Adler e Jung, e reflectira longamente (muitos textos o testemunham) sobre o valor e os limites da psicanálise clássica. Anotemos, no entanto, que, ao lado da fantasia especiosamente espiritualista de um Beigbeder — «todo o esforço de Jean-Paul Sartre se orientou no sentido de vencer, virilmente, a solidão encontrada pouco depois de nascer (quanto a nós, aliás, escolhida antes mesmo de nascer<sup>1</sup>)» — certos adeptos desta crítica divinatória muniram-se cuidadosamente, para a sua clarividência, das mais sérias garantias científicas. Limitemo-nos ao exemplo desse jovem psiquiatra americano que «após dois anos de investigações psicanalíticas, desmontou peça a peça o universo de Sartre<sup>2</sup>. Julgar-se-á, talvez, que não sendo um universo uma montagem, o desmontá-lo não oferece um interesse por aí além; mas, sem intenção ofensiva para o jovem psiquiatra, anotemos que ele se deu ao trabalho, entre outros mais, de

<sup>1</sup> Marc Beigbeder, «Théâtre philosophique» *Esprit* (Dezembro de 1949).

<sup>2</sup> Cf. a notícia pormenorizada aparecida em *Samedi-Soir* (7-13 de Outubro de 1950) sob o título «Um estudo sem precedentes na história literária. Um psicanalista desvenda os segredos íntimos de Sartre.» Que o leitor me desculpe não me ter interessado ir às próprias fontes: o que neste caso importa, suponho, é a tese em si, na medida em que foi divulgada pelo grande público.